



Zero Hora, 10 de Março de 2016

O JOGO E SUAS REGRAS



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

Quando as crises econômica e política alimentam-se mutuamente, como ora ocorre, suas consequências são potencializadas. A radicalização afasta a racionalidade e o bom senso. O século 20 é trágico em exemplos: lembro a guerra civil espanhola, quando a divisão irreconciliável entre republicanos e franquistas e a ausência de centro na política sugeriram, a ambos os lados, que a saída era a carnificina.

A recente euforia na bolsa e no câmbio é sinal de mercado que, como sempre, reflete um momento e não vai além dele.

A crise econômica tem raízes institucionais profundas. O sistema jurídico julga pessoas, mas o problema vai além da judicialização, pois parece irreal prender a metade do PIB e da Câmara dos Deputados (a força de seu presidente por certo não reside em seu brilhantismo político-doutrinário). Fato indiscutível: a (in)experiência democrática do país assentou como regra que as eleições dependem de financiamento ilegal, o qual é viabilizado por quem lucrará com ele. O poder econômico representar-se na política é normal em toda democracia, mas dentro da lei e com

transparência. Caso contrário, chega-se à máfia de Chicago, ao narcotráfico dos vizinhos latino-americanos e, no Brasil, a uma burguesia predatória voltada a grandes obras e serviços públicos: o financiamento aos políticos é simples adiantamento de capital. Salvo exceções, quem dele não participa se afasta da política, pois não consegue concorrer.

Os dois grandes partidos nacionais, PSDB e PT, tiveram sua chance de mudar. Puderam, mas não quiseram. Acreditou-se que representavam o lado moderno da política, capazes de possibilitar alternância civilizada de poder, como nas democracias maduras. Todavia, a regra do jogo não perdoa: no seu auge, FHC e Lula tinham mais de $\frac{3}{4}$ do Congresso, maioria folgada para reformas. E aí vale a contradição na velha tradição hegeliana: quando havia condições materiais para a mudança, não havia motivo para ela – se tudo está bem, para que mudar? O motivo emerge nas crises, mas nestas as tensões políticas dificultam. Resta o apelo para que se encontre solução dentro da democracia. O caminho espanhol, além de custar vidas e décadas de barbárie, deixa marcas irreversíveis.